

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
BACHARELADO EM MODA

**Ela nem é bonita: A estética agressivamente
feminina de Courtney Love**

Mariana de Almeida Ferreira

Juiz de Fora

2025

Mariana de Almeida Ferreira

Ela nem é bonita: A estética agressivamente feminina de Courtney Love

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Comissão Examinadora do
Curso de Bacharelado em Moda, do
Instituto de Artes e Design, da
Universidade Federal de Juiz de Fora,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Orientadora: Prof.^a Dra. Elisabeth Muriho da Silva

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

de Almeida Ferreira, Mariana.

E ela nem é bonita : A estética agressivamente feminina de Courtney Love / Mariana de Almeida Ferreira. -- 2025.
57 f. : il.

Orientadora: Elisabeth Murilho da Silva

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Artes e Design, 2025.

1. Moda. 2. Grunge. 3. Courtney Love. 4. Riot Grrrl. I. Murilho da Silva, Elisabeth, orient. II. Título.

Mariana de Almeida Ferreira

Ela nem é bonita: A estética agressivamente feminina de Courtney Love

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido à Comissão Examinadora do
Curso de Bacharelado em Moda, do
Instituto de Artes e Design, da
Universidade Federal de Juiz de Fora,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Bacharel em Moda.

Aprovado em 12 de março de 2025.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Dra. Elisabeth Murilho da Silva – Orientador
Universidade Federal de Juiz de Fora/IAD

Prof. Dr. Henrique Grimaldi Figueiredo
Universidade Federal de Juiz de Fora/ PPGACL

Esp. Fernanda Ferreira de Mello
Universidade Federal de Juiz de Fora/ PPGACL

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão começa com meus pais, que sempre foram meu alicerce, oferecendo não apenas amor e carinho, mas também apoio incondicional em todos os momentos. Aos meus amigos, tanto os de Juiz de Fora quanto os de Joinville, que acreditaram em mim quando eu mesma duvidei. E aos professores do Bacharelado em Moda da UFJF, que compartilharam seus saberes e experiências, ampliando meus horizontes e desafiando meu olhar sobre o mundo.

Finalizo este curso com um sentimento de imensa valorização da universidade pública, que não apenas direcionou minha vida profissional, mas também transformou minha jornada pessoal. Sou grata por ter vivido e aprendido em um ambiente de excelência e pluralidade, que me proporcionou ferramentas essenciais para crescer como pessoa e profissional. A UFJF será sempre parte fundamental da minha trajetória.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma análise da moda da década de 1990, destacando a relação entre o movimento grunge na música alternativa e a influência das bandas femininas, com foco especial em Courtney Love. O objetivo é compreender como o comportamento e visual de Love contribuíram para sua rejeição pelo público em geral, ao mesmo tempo em que ressaltam seu impacto como inspiração para os criadores de moda. A pesquisa inicia-se com um estudo do contexto da moda nos anos 1990, explorando a transição das tendências elegantes e excessivas da década anterior para uma estética mais realista e influenciada pelas subculturas. A ascensão do *grunge*, um subgênero do rock alternativo, é abordada, destacando sua influência na moda. O estudo inclui a análise do movimento *Riot Grrrl*, uma influência feminista na cena grunge, e a vertente *kinderwhore*, que mistura inocência infantil com elementos de agressividade, popularizada por Love. Finalmente, a pesquisa investiga o estilo de Courtney Love ao longo de sua carreira e sua influência na moda, destacando sua feminilidade agressiva como elemento autêntico e inspirador para os criadores de moda.

Palavras-chave: Moda. *Grunge*. Courtney Love. *Riot Grrrl*.

ABSTRACT

This paper proposes an analysis of fashion in the 1990s, highlighting the relationship between the grunge movement in alternative music and the influence of female bands, with a special focus on Courtney Love. The aim is to understand how Love's behavior and appearance developed to her destruction by the general public, while highlighting her impact as an inspiration for fashion designers. The research begins with a study of the fashion context in the 1990s, exploring the transition from the elegant and excessive trends of the previous decade to a more realistic aesthetic influenced by subcultures. The rise of grunge, a subgenre of alternative rock, is addressed, highlighting its influence on fashion. The study includes an analysis of the Riot Grrrl movement, a feminist influence on the grunge scene, and the kinderwhore strand, which mixes childlike innocence with elements of aggression, popularized by Love. Finally, the research investigates Courtney Love's style throughout her career and her influence on fashion, highlighting her aggressive femininity as an authentic and inspiring element for fashion designers.

Keywords: Fashion. Grunge. Courtney Love. Riot Grrrl.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A DECADÊNCIA SE TORNA <i>COOL</i>	15
3. A IMUNDICE SE TRANSFORMA EM MODA.....	22
4. <i>RIOT GRRRLS</i> , FEMINISMO E O ESTILO <i>KINDERWHORE</i>	28
5. E ELA NEM É BONITA.....	38
6. COURTNEY LOVE: UMA ESTÉTICA AGRESSIVAMENTE FEMININA.....	43
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
REFERÊNCIAS.....	54

LISTA DE IMAGENS

Figura 1 - Supermodelos na campanha Outono/Inverno 1994 da Versace.....	15
Figura 2 - Capa da edição de maio de 1990 da revista The Face.....	17
Figura 3 - Kate Moss na campanha da Calvin Klein (1992)	17
Figura 4 - Imagens do editorial “ <i>Englands Dreaming</i> ” (1994), fotografado por Corinne Day, para a revista The Face.....	19
Figura 5 - Imagens da Coleção <i>Grunge</i> de Marc Jacobs para a Perry Ellis.....	20
Figura 6 - Courtney Love e Kurt Cobain em cena do documentário “ <i>Kurt Cobain: Montage of Heck</i> ” (2015)	21
Figura 7 - A banda Nirvana no MTV Video Music Awards (1992)	23
Figura 8 - Banda Pearl Jam em Seattle (1991)	24
Figura 9 - Imagens do editorial <i>Grungy and Glory</i>	25
Figura 10 - Kurt Cobain usando vestido em uma apresentação em 1990.....	26
Figura 11 - Imagem de zine do movimento Riot Grrrl.....	29
Figura 12 - A banda Bikini Kill.....	30
Figura 13 - Kathleen Hanna com a palavra “slut” (vadia) escrita em seu corpo (1992)	30
Figura 14 - Apresentação da banda Bikini Kill (1992)	31
Figura 15 - Courtney Love (1994)	32
Figura 16 - Kat Bjelland no Lollapalooza 1993.....	32
Figura 17 - Sid Vicious e Nancy Spungen (1978)	33
Figura 18 - Courtney Love se apresentando no festival Readings em 1994.....	35
Figura 19 - Nancy Spungen.....	35
Figura 20 - Courtney Love e Kurt Cobain com a filha do casal, Frances Bean, no MTV Video Music Awards 1993.....	38

Figura 21 - Cenas do videoclipe da música “Violet” (1994)	40
Figura 22 - Kurt Cobain e Courtney Love em seu casamento (1992)	43
Figura 23 - Courtney se apresentando no programa Saturday Night Live.....	44
Figura 24 - Courtney na festa pós-Oscar da revista Vanity Fair, em 1995.....	44
Figura 25 - As supermodelos Christy Turlington, Naomi Campbell e Linda Evangelista vestindo modelos inspirados no visual <i>kinderwhore</i> no desfile da coleção Primavera/Verão 1994 da Anna Sui.....	45
Figura 26 - Courtney Love para Versace Primavera/Verão 1998.....	46
Figura 27 - A artista no tapete vermelho do Oscar 1997 vestindo Versace.....	46
Figura 28 - Courtney vestindo Dior por John Galliano no Globo de Ouro 2000.....	47
Figura 29 – A cantora no <i>backstage</i> de uma apresentação no Bowery Ballroom (2004)	47
Figura 30 - Coleção Nasty Gal X Courtney Love.....	48
Figura 31 - Love no livro “ <i>Portrait Of A Performer: Courtney Love</i> ”	49
Figura 32 – A artista na campanha Outono/Inverno 2013 da Yves Saint Laurent.....	49
Figura 33 - Imagens do desfile da coleção Primavera/Verão 2013 da Yves Saint Laurent por Hedi Slimane.....	50
Figura 34 - Imagens do desfile da coleção Primavera/Verão 2016 da Yves Saint Laurent por Hedi Slimane.....	50
Figura 35 - Cena do videoclipe de “Miss World” (1994)	51
Figura 36 - Abertura do desfile Primavera/Verão 2012 da Meadham Kirchhoff.....	51

INTRODUÇÃO

Ainda que tenha nascido no final da década de 1990, a música desse período marcou a minha infância, seja através dos CDs de meu pai ou dos posters do quarto da minha tia mais nova. Na adolescência, quando comecei a desenvolver meu próprio gosto musical, transitei por vários gêneros, mas minha identificação maior foi com o rock alternativo. Foi naquele momento também que descobri a figura da cantora Courtney Love, a famosa viúva descontrolada de Kurt Cobain, vocalista da banda Nirvana. A princípio, foi uma figura que me despertou repulsa, uma vez que o que eu lia sobre a cantora estava sempre acompanhado de algum comentário negativo, a posicionando como uma mulher manipuladora, problemática e mal-intencionada. Porém, à medida que fui me aprofundando em sua arte, e entrando em contato também com o feminismo, comecei a compreender que Courtney era muitas vezes mal interpretada e que essa representação negativa dela provinha justamente de sua recusa em se conformar com as imposições tradicionais de gênero, seja no seu visual ou em seu comportamento.

Minha admiração por Courtney Love surgiu justamente a partir das razões que me faziam ter uma impressão negativa dela, observadas por outro ponto de vista, o de uma menina adolescente que começava a compreender os impactos negativos que uma cultura que celebra a passividade feminina e perfeição estética tinham sobre seu corpo e mente. Ao subir nos palcos usando um vestido estilo *babydoll*, meia calça rasgada, sapatos de boneca, maquiagem borrada e uma guitarra na mão, cantando aos berros canções sobre sexualidade feminina, pressão estética e violência sexual, Courtney evocava uma poderosa imagem, que combina feminilidade delicada com agressividade e vulgaridade. Seu comportamento agressivo era nada mais que uma forma de comunicar que não ligava para o que os outros pensavam, que era fiel a si mesma e não ia ceder às pressões para se comportar melhor ou ser mais feminina. Por meio dessa percepção, me tornei fã e, durante as aulas da disciplina “Moda e Sociedade”, no curso de Moda da UFJF, tive a ideia de realizar uma pesquisa que abordasse o comportamento e o visual de Courtney Love, me aprofundando na proposta estética de seu trabalho, as razões que ocasionaram sua recepção negativa por parte do grande público e sua influência na moda.

Com esse intuito, o presente trabalho tem como objetivo, através da pesquisa teórica a respeito da moda dos anos 1990, sua relação com a música alternativa *grunge* e a influência das bandas femininas no movimento, analisar como o comportamento e visual de Courtney Love contribuíram para que ela fosse rejeitada pelo grande público, assim como reiterar o impacto de sua individualidade e autenticidade como inspiração para os criadores de moda. Para isso, deve-se compreender que desde a década de 1960, as ruas, os músicos, artistas e subculturas juvenis se tornaram fontes ricas de novas tendências de moda, que, segundo Maíra Zimmermann de Andrade, “se apropria dos símbolos de rebeldia e passa a comercializar essa atitude como um “estilo” (2009, p. 108). Na década seguinte, esse processo se acirrou, com o surgimento da subcultura *punk* que através da música e de um visual agressivo, composto por roupas pretas rasgadas, correntes, pregos, alfinetes de segurança, piercings, cabelos cortados em estilo moicano e maquiagens escuras, buscava denunciar a insatisfação dos jovens adeptos em relação a sociedade (SILVA, 2008). O visual e atitude dos *punks* inspirou estilistas como Vivienne Westwood e Jean Paul Gaultier a produzir uma moda que “não tinha compromisso com o belo, a elegância ou o bom senso, mas com a agressividade, o choque e o exagero” (SILVA, 2008, p.8). Ainda assim, foi nos anos 1990, que o estilo das ruas se tornou recorrente nas coleções e atingiu o grande público, desafiando as noções tradicionais de beleza e moda. Agora o glamour e o excesso, em voga nos anos 1980, dividiam espaço com uma estética mais realista, que buscava manifestar aspectos obscuros da sociedade (CALLAHAN, 2015).

Essa abordagem mais jovem, provocativa e despojada de artifícios explorada por alguns estilistas encontrou sua voz na música do subgênero de rock alternativo *grunge* (FOGG, 2013). A cena musical *grunge* surgiu no final da década de 1980 em Seattle, no estado de Washington, e era integrada por bandas de jovens desajustados que exploravam suas frustrações por meio de um som barulhento e letras que abordavam injustiças e seus conflitos internos (MENDONÇA, 2014). O gênero ganhou popularidade no início dos anos 1990 com o sucesso astronômico do álbum “*Nevermind*”(1991), da banda Nirvana, transformando a cena dos “excluídos” de Seattle em um movimento reconhecido mundialmente. A vestimenta dos *grunges*, que consistia em peças compradas em lojas baratas, muitas vezes adquiridas em brechós, vestidos estilo *babydoll*, jeans rasgados, camisas xadrez e botas de combate,

refletiam o despojamento, intensidade e anarquia que a música transmitia (FOGG, 2013). Ainda que fosse um visual sem pretensão em estar ligado em tendências e originado da necessidade, a moda não demorou a assimilá-lo e, em 1992, o estilista Marc Jacobs, então diretor criativo da grife Perry Ellis, lançou sua controversa coleção *grunge*. A coleção, no momento de seu lançamento, atraiu uma recepção muito negativa por parte da crítica especializada em moda, dos músicos e dos fãs do *grunge*, ocasionando a demissão de Jacobs.

No entanto, a recepção negativa das primeiras assimilações do *grunge* na moda não impediu que o visual se popularizasse. Kurt Cobain, vocalista da Nirvana, considerado o símbolo do movimento, se transformou em ícone *fashion* a contragosto. Em conjunto com Courtney Love, vocalista da banda Hole, Cobain formou o casal ícone da música e visual *grunge*, atraindo a atenção da imprensa internacional pelo vício em drogas e modo de vida desordenado que levavam. Célebre por seu estilo e comportamento transgressor, Courtney fundou a banda de rock alternativo Hole em 1989 com o guitarrista Eric Erlandson, em Los Angeles, na Califórnia. Ainda que a localização de formação da banda estivesse longe de Seattle, sua inclinação ao som e atitude *punk rock*, fizeram com que a banda se associasse a cena *grunge*. O primeiro álbum da banda, "*Pretty on the Inside*" (1991), não trouxe sucesso comercial, mas foi aclamado pela crítica e conquistou um seguimento de fãs. A banda saiu da bolha do *underground* em 1994, com o aclamado álbum "*Live Through This*".

A pesquisa iniciará com um estudo da moda da década de 1990, a fim de compreendermos o contexto da moda naquele momento e o surgimento dessa nova tendência estética mais realista, que flertava com as subculturas. Examinaremos também o movimento *grunge* e como seu som, com músicas repletas de angústia e niilismo, resultou em um visual desgrenhado que, ainda que sem nenhuma pretensão, impactou as tendências de moda do período. Em seguida, partiremos para uma investigação sobre as bandas femininas associadas ao *grunge*, evidenciando a influência do movimento musical feminista *Riot Grrrl* na cena de Seattle. Além disso, será pontuada a existência de uma vertente de bandas femininas *grunge* adepta de um visual que misturava a inocência e delicadeza infantil com elementos de agressividade e sexualidade vulgar popularizada por Courtney Love, chamada de *kinderwhore*. Nesse contexto, será utilizado o estudo de Catherine Strong (2011) com

o propósito de entender as razões do *grunge* ser lembrado como um movimento predominantemente masculino quando foi, em sua origem, uma cena que incentivava participação feminina e que pode ser considerado até mesmo pró feminista.

Posteriormente, será analisada as razões que ocasionaram a recepção negativa de Courtney Love por parte da imprensa, com foco no seu comportamento e aparência. Para isso, usaremos como base as pesquisas de Karine Eileraas (1997) e Catherine Strong (2016), a fim de justificar como a renúncia de Love em reproduzir tradições de gênero, como se encaixar no padrão de beleza e ser uma garota bem-comportada, impactaram a forma como ela é interpretada pela audiência. Para finalizar, será realizada uma investigação sobre o estilo de Courtney durante sua carreira e sua influência na moda, ressaltando como sua feminilidade agressiva a converteram em uma figura autêntica e inspiradora para os criadores de moda. O trabalho busca fornecer uma compreensão abrangente da interseção entre música, moda e identidade na década de 1990, com foco na figura controversa e impactante de Courtney Love.

1. A DECADÊNCIA SE TORNA COOL

A década de 1990, segundo Palomino (2003), foi marcada por diversas concepções de moda, sendo o minimalismo uma das principais, combinando simplicidade e linhas retas, em oposição à extravagância e excesso dos anos 1980. Para Haye e Mendes (2009), a reação da moda contra o consumo ostensivo da década anterior se deve ao período de recessão econômica no início dos anos 1990, com a vida social e disponibilidade de salário limitada, a lucratividade das grifes de moda de luxo diminuiu. A alta costura continuou a ser procurada durante esse período, uma vez que alguns consumidores continuaram a procurar por itens luxuosos e de qualidade, mas esse público era composto por menos de 2 mil pessoas (HAYE; MENDES, 2009). No entanto, roupas de alta moda continuaram a estar presentes em eventos importantes, sendo utilizadas por figuras de destaque a fim de promover uma grife específica. Gianni Versace manteve o status de estilista que vestia os homens e mulheres mais elegantes do mundo, e as supermodelos dominavam as passarelas, ultrapassando as fronteiras da indústria da moda e se tornando celebridades que se equiparavam às estrelas do cinema e da música (HAYE; MENDES, 2009). Com belezas exuberantes, altíssimas, de corpos magros e traços simétricos, esse grupo de modelos personificava uma visão mítica de beleza feminina e perfeição. Linda Evangelista, Claudia Schiffer, Christy Turlington, Naomi Campbell, Cindy Crawford e Stephanie Seymour representavam o padrão de beleza a ser seguido e atraíam o interesse do grande público para as grifes de moda.

Figura 1 – Supermodelos na campanha Outono/Inverno 1994 da Versace.



Fonte: Site Marie Claire (2016).

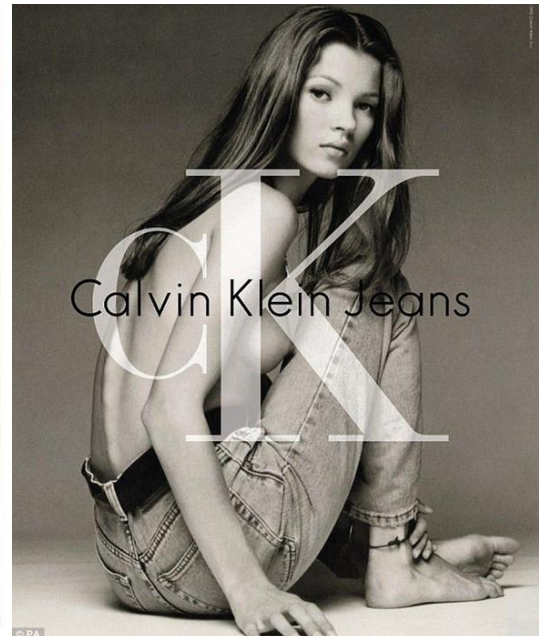
As coleções *prêt-à-porter* (pronto para vestir) ganharam destaque durante a década, com várias marcas difundindo linhas mais baratas. O *prêt-à-porter*, segundo Diana Crane (2006), expressa a ausência de regras e a fragmentação de estilos na moda incorporadas em peças acessíveis inspiradas nas últimas tendências. A indústria estadunidense foi bastante rápida em reconhecer e reagir ao potencial do *prêt-à-porter* e às mudanças do mercado, obtendo enorme sucesso na difusão de linhas mais acessíveis de marcas como Ralph Lauren, Donna Karan, Calvin Klein e Tommy Hilfiger (HAYE; MENDES, 2009). Foi também nesse período que os estilos provenientes das ruas, que começaram a ser explorados nas décadas de 1970 e 1980, se difundiram nas coleções. Ainda que não completamente aceitos pelas consumidoras de alta costura, a principal corrente da moda no período compunha elementos presentes em diversas subculturas, do presente e do passado, como os *hippies*, *punks*, *teddy boys* e *grunges* (HAYE; MENDES, 2009).

De acordo com Maureen Callahan (2015), foi uma década marcada por experimentações estéticas que rompiam com as noções tradicionais de beleza. A dinâmica começou a mudar a partir de 1992, ano em que Kate Moss, a antítese da supermodelo, se tornou o rosto da Calvin Klein e Marc Jacobs, ainda na Perry Ellis, apresentou a controversa coleção *Grunge* (CALLAHAN, 2015). Apesar de ser considerada uma das supermodelos dos anos 1990, a beleza de Kate Moss destoava dentre as demais, não era uma amazona altíssima de corpo escultural, tinha baixa estatura, franzina, com dentes tortos e traços assimétricos, angulosos. A primeira capa que exibia Kate Moss, fotografada por Corinne Day para a edição de maio de 1990 da *The Face*, é considerada um marco dos novos rumos que a fotografia de moda exploraria ao longo da década (HOLZMEISTER, 2010). Para o estilista Marc Jacobs, as fotos de Moss feitas por Corinne Day mudaram a moda, fazendo com que a beleza e o glamour fossem percebidos de formas diferentes (CALLAHAN, 2015). Dois anos depois, ao se tornar a estrela das companhias da Calvin Klein, posicionada em preto e branco, descalça, seminua, com pouca maquiagem e cabelos lisos, Kate Moss se tornou símbolo de uma tendência contrária ao estabelecido pelas passarelas anteriormente, marcando “o advento de um estilo mais jovem e anárquico” (FOGG, 2013).

Figura 2 e Figura 3 – Edição de maio de 1990 da revista The Face e na figura seguinte, Kate Moss na campanha da Calvin Klein (1992).



Fonte: Site Beatchapter.



Fonte: Site Dazed and Confused (2013).

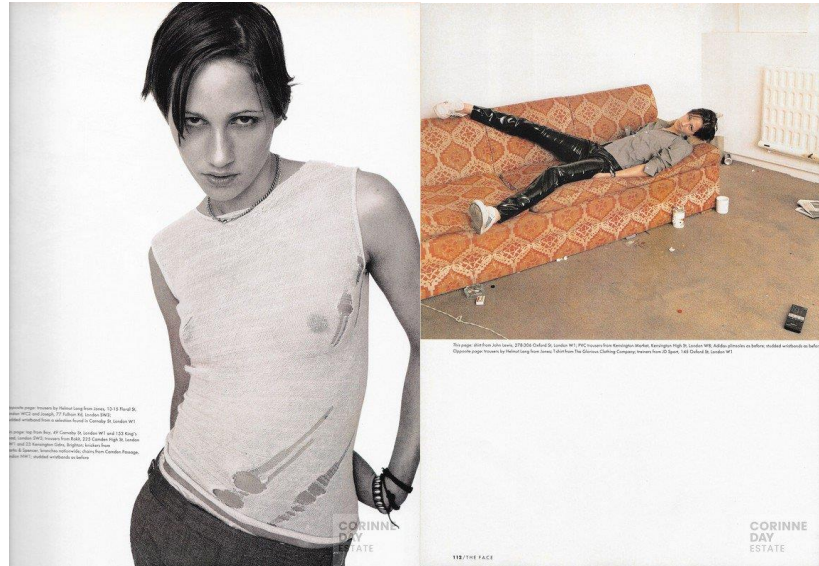
Nesse contexto, é possível observar um movimento de ruptura com os excessos da década anterior e o surgimento de uma nova vertente da moda, que abordava uma estética realista e flertava com temas subversivos, como drogas, suicídio e exclusão (HOLZMEISTER, 2010). As revistas britânicas de estilo i-D, The Face e Dazed and Confused são consideradas pioneiras nessa experimentação, com fotografias granuladas e textos distorcidos, celebrando a estranheza dos *outsiders*. Terry Jones, fundador da i-D, publicava fotografias de pessoas de verdade e as chamava de “puras”, evidenciando o tom documental “de uma geração que vestia a si mesma” (FOGG, 2013). Ao longo da década, os grupos marginalizados se converteram em focos de estímulos, subculturas como os *ravers*, *cybers* e *clubbers* se tornam fontes de inspiração para editoriais e campanhas publicitárias de alcance global, o que antes fazia parte de um nicho *underground* se tornou uma estética moderna amplamente difundida (HOLZMEISTER, 2010). De acordo com Silvana Holzmeister, o humor negro, o feio e indesejado passam a ser *cool*:

Nesta nova fantasia estética, o luxo passou a ser decadente, o perfeito foi substituído pelo imperfeito, palácios foram trocados por cenários deteriorados, a mulher estonteante saiu de cena para abrir espaço ao corpo

adolescente, com pernas e braços longos e finos, personificada especialmente pela modelo Kate Moss. Espécie e negação de todo o século XX, a última década do século passado – principalmente a segunda metade – flertou com as subculturas e privilegiou o que até então a sociedade havia “escondido debaixo do tapete”. (HOLZMEISTER, 2010, P.15)

O polêmico visual *heroin chic* integrou esse movimento de uma moda desprovida de glamour, buscando se aproximar da cultura de rua e interpretá-la pela perspectiva “do vício, da violência e da desilusão” (HOLZMEISTER, 2010). A fotógrafa Corinne Day, responsável por introduzir Kate Moss nos editoriais de moda, é creditada como precursora do *heroin chic*. Inspirada pela fotografia de Nan Goldin, que retratou as subculturas gay e pós-punk de Nova York na década anterior, Day buscava fotografar “imagens tipo documentário de belezas incomuns, levemente arruinadas em seus habitats naturais” (CALLAHAN, 2015, p.25). Em suas fotos, eram frequentes adolescentes magérrimas, com cabelos que aparentavam estar sujos, olhos pintados de preto borrados ou maquiagem mínima, vestidas com lingerie ou jeans e camisetas, peças baratas e geralmente puídas. As modelos apareciam posicionadas caídas sobre sofás antigos e encostadas em paredes descascadas, em cenários que simbolizavam o caos e a desordem, compostos por cinzeiros, latas de cerveja e móveis deteriorados (HOLZMEISTER, 2010). Foi uma estética amplamente criticada por apresentar modelos magérrimas, o que gerou comentários relacionados a distúrbios alimentares, e pela valorização do visual debilitado, que foi considerado uma forma de glorificação ao uso de heroína, droga que ocasionou a morte de diversos artistas durante a década de 1990. O termo *heroin chic*, segundo Holzmeister (2010), apenas começou a existir em 1997, quando o então presidente dos Estados Unidos, Bill Clinton, fez um pronunciamento antidrogas ressaltando a glamourização do uso de drogas nas campanhas e editoriais de moda. A manifestação do presidente foi uma reação a morte por overdose do fotógrafo de moda Davide Sorrenti, conhecido por suas fotografias obscuras, que acompanhavam seu estilo de vida.

Figura 4 – Imagens do editorial “*Englands Dreaming*” (1994) fotografado por Corinne Day para a revista The Face.



Fonte: Site Corinne Day.

A abordagem estética do *heroin chic* ganhou força com o sucesso do subgênero de rock alternativo *grunge*, que rapidamente foi experimentado nas passarelas, em 1992, por Marc Jacobs, então diretor criativo da grife americana Perry Ellis. Caracterizados pela simplicidade, niilismo e visceralidade em suas composições, os músicos *grunges* refletiam sua música na forma em que se vestiam, privilegiando peças baratas ou de segunda mão, camisas de flanela xadrez, cardigãs largos e vestidos estilo *babydoll* (FOGG, 2013). A coleção *grunge*, inspirada na maneira de se vestir das bandas do cenário musical de Seattle, foi um fracasso de crítica e vendas quando lançada, ocasionando a demissão de Jacobs. Porém, em retrocesso, a coleção é considerada um dos grandes momentos da moda dos anos 1990, responsável, em conjunto com os nomes citados até então, por inspirar uma nova concepção de imagem de moda, na qual o belo e o feio se confundiam. Para os entusiastas dessa perspectiva estética, era uma possibilidade de um estilo mais honesto e realista, em oposição às representações de beleza impossível presentes nas imagens de moda tradicionais (HOLZMEISTER, 2010). A controvérsia em torno do *heroin chic* e do *grunge* na moda serviram para que a estética ganhasse mais força, aparecendo em peso nos editoriais de moda e nas campanhas publicitárias de grifes

como Donna Karan, Prada e Versace, que, em 1998, teve Courtney Love como estrela de sua campanha Primavera/Verão.

Figura 5 - Imagens da Coleção *Grunge* de Marc Jacobs para a Perry Ellis (1992).



Fonte: Site AnotherMag (2015).

Ao explorar o decadente e assumir um caráter reflexivo, se despojando de artifícios tradicionais, a moda incorporou um posicionamento contemplativo que já irradiava na cultura da década de 1990. Nesse sentido, a música *grunge* também buscava romper com os excessos dos anos 1980 e tinha um caráter mais questionador, crítico e introspectivo. O estilo de se vestir despojado dos grupos musicais de Seattle, com peças de segunda mão, muitas vezes puídas, sobrepostas, refletia os temas niilistas abordados nas canções. Durante o período, representações do visual *grunge* se tornaram recorrentes nos desfiles de moda, sendo incorporado por Anna Sui, Christian Francis Roth, Ralph Lauren e Donna Karan. Kurt Cobain, vocalista da banda de maior sucesso do subgênero, Nirvana, se tornou símbolo do *grunge* e uma das principais referências de estilo da década. Junto a Courtney Love, vocalista da Hole, formou o casal ícone do *grunge*, como John Lennon e Yoko Ono na década de 1970. A dupla sofria com o assédio intenso da mídia, principalmente por suas declarações controversas e estilo de vida desordenado, devido ao vício em

heroína. Os comportamentos autodestrutivos e o visual do casal mais famoso da década foram fundamentais para consolidar a proposta estética que surgia na moda, em que o flerte com o obscuro e o decadente era justificado como o reflexo de uma beleza mais realista.

Figura 6 – Courtney Love e Kurt Cobain em cena do documentário “*Kurt Cobain: Montage of Heck*” (2015).



Fonte: Site USAToday (2020).

2. A IMUNDICE SE TRANSFORMA EM MODA

O período entre o final da década de 1980 e de 1990 foi marcado por transformações culturais profundas, que refletiam as mudanças políticas e econômicas globais. Com a queda do Muro de Berlim (1989), o fim da Guerra Fria e o colapso da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), foi consolidada a ascensão do neoliberalismo e da globalização, tornando o capitalismo a principal força cultural global (Eric Hobsbawn, 1995). Nesse contexto, houve o declínio das ideologias e movimentos revolucionários de libertação, dando lugar a um período de incertezas ideológicas e fragmentação cultural, onde, segundo Hobsbawn (1995), as pessoas deixaram de formar grupos identitários baseados em ideologias. Além disso, a cultura do consumo, em conjunto com o avanço tecnológico dos meios de comunicação de massa, transformou a maneira em que as pessoas entendiam identidade, tornando a busca por bens materiais e prazer imediato em normas culturais prevalecentes, fortalecendo o individualismo e enfraquecendo projetos coletivos de mudança social. É nessa conjuntura cultural pós-ideológica, fragmentada e desiludida identificada por Hobsbawn (2008), que o estilo musical *grunge* emergiu como um reflexo de uma geração frustrada com o capitalismo, consumismo e as promessas falidas da sociedade.

No documentário *Hype!* (Doug Pray, 1996), Pray explica que *grunge* significa “imundice” em inglês e foi a alcunha de bandas constituídas por jovens desajustados de Seattle, no estado de Washington, que, por estarem isolados da cena musical mais central nos Estados Unidos, desenvolveram um estilo que combinava o som retorcido das guitarras com letras niilistas e agressivas, que abordavam a alienação social, insegurança, abuso e rejeição ao status quo. Também conhecido como *seattle sound*, a música *grunge* pode ser descrita como um cruzamento entre o *heavy metal* e o *punk* (Vinil, 2008). Os *grunges*, segundo Gustavo Codogno e Dorotéia Pires, seguiam “pensamentos do movimento punk, como a anarquia, a marginalização e a prática underground do “faça você mesmo” (2011, p.5). A cena musical de Seattle se opunha tanto ao rock glam e ao pop comercial dos anos 1980, quanto à ostentação de consumo e à busca por um ideal de sucesso material que dominava a cultura pop da época. Logo, o *grunge*, caracterizado por seu estilo musical cru, sujo e direto, não só era uma forma de expressão artística, mas também uma forma de resistência cultural

as expectativas sociais e culturais da época. O grande boom do *grunge* aconteceu em 1991 quando a música “*Smells Like Teen Spirit*”, da banda Nirvana, alcançou o topo das paradas de sucesso. Com o sucesso do Nirvana, a atenção da indústria fonográfica saiu de Los Angeles e se voltou para o cenário musical de Seattle, e bandas como Pearl Jam, Mudhoney, Alice In Chains, Stone Temple Pilots¹ e Soundgarden ganharam notoriedade.

Figura 7 – A banda Nirvana no MTV Video Music Awards (1992).



Fonte: Site Rolling Stone (2013)

A expressão *grunge* também passou a designar o estilo visual dos músicos e fãs do subgênero, que tinham cabelos longos e desgrehados e se vestiam com roupas velhas, desgastadas e largas. O estilo de se vestir dos *grunges* surgiu principalmente por necessidade, sem nenhuma pretensão de estar na moda, as roupas utilizadas nos palcos eram as mesmas usadas no dia a dia dos artistas. Além do fato de não se importarem com a estética, Sana Mendonça (2014) explica que grande parte dos músicos não tinha uma boa situação financeira, mal tinham dinheiro para investir nos equipamentos, então quanto mais baratas fossem as roupas, melhor. As peças que compunham o visual *grunge* eram muitas vezes personalizadas em casa e/ou adquiridas em brechós e lojas do Exército da Salvação, o que poderia ser

¹ A Stone Temple Pilots, formada em 1989 em San Diego, Califórnia, foi uma banda de grande importância no movimento grunge. Embora frequentemente associada à cena grunge de Seattle, sua atuação ocorreu no período de consolidação e expansão do gênero, já no final da década de 1980.

uma justificativa para o uso de roupas de tamanhos maiores pelos integrantes da cena musical. Dessa maneira, o estilo *grunge* era bastante despojado, composto por peças grandes demais sobrepostas, camisetas de banda ou com estampas satíricas desgastadas, camisa de flanela xadrez, casacos e toucas de lã, jeans rasgados, bermudas largas, tênis All Star ou botas militares. Era um visual colorido, constituído pelo uso de padronagens diversas, como listras, florais e xadrez, e desordenado, como uma mistura dos estilos *hippie* e *punk* (HAYE; MENDES, 2009). A camisa de flanela com estampa xadrez, considerada a peça mais emblemática do estilo, já era, de acordo com Mendonça (2014), tradicional da região, onde as temperaturas costumam ser muito baixas e de grandes oscilações, por ser utilitária, de material barato e durável.

Figura 8 – Banda Pearl Jam em Seattle (1991).



Fonte: Site Rolling Stone (2009).

Apesar da ausência de aspiração estética, o visual *grunge* se difundiu entre a juventude que se identificava com as bandas do gênero, para além da região de Seattle, e se tornou inspiração para algumas grifes de moda. Com o intuito de traduzir o visual para as passarelas, Jacobs, segundo Maureen Callahan (2015), procurou em bazares as peças que serviram de base para a coleção, reproduzindo-as com materiais luxuosos. Para a crítica especializada, a coleção foi considerada feia, com as roupas exibidas na passarela sendo comparadas com as encontradas em lojas de

caridade, e Jacobs foi acusado de canibalização do *grunge*, culminando em sua demissão da marca. No entanto, a revista Vogue concedeu à coleção um editorial intitulado *Grungy and Glory* (Grunge e Glória), fotografado por Steven Meisel. Para as bandas e fãs do estilo musical, a apropriação não foi bem recebida, a concepção de *grunge* foi corrompida e a moda foi acusada de matar o movimento. Como consequência, a produção da coleção foi interrompida e Marc Jacobs enviou as peças exibidas no desfile para Kurt Cobain e Courtney Love, que alegaram tê-las queimado (STRUGATZ, 2010). Entretanto, as críticas não impediram que o visual *grunge* se popularizasse durante a década, estabelecendo Marc Jacobs como um estilista visionário.

Figura 9 – Imagens do editorial *Grungy and Glory* para a Vogue (1992).

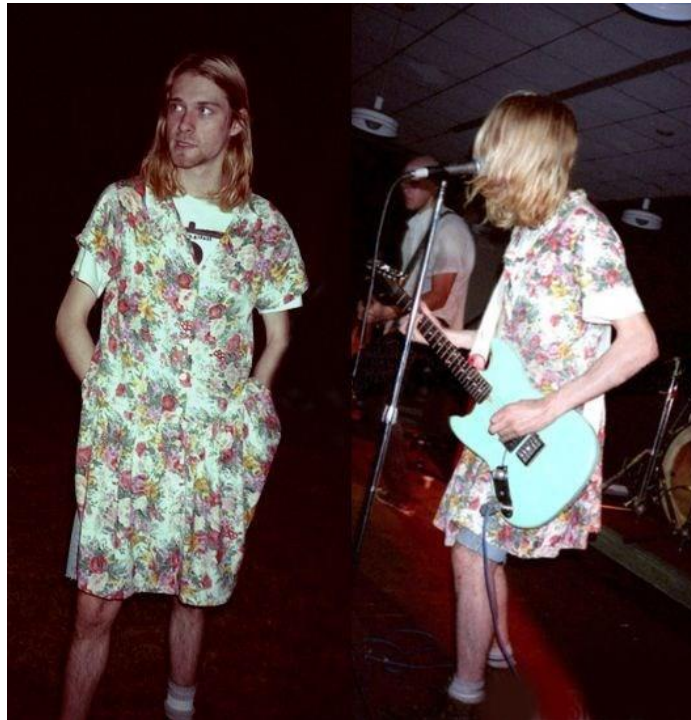


Fonte: Site Buzznet (2010).

De acordo com Diana Crane, os grupos marginalizados e subculturas jovens compõem sua forma de vestuário para comunicar “suas atitudes a respeito de si próprios e da sociedade” (2006, p.466). Eram grupos que traziam novas propostas estéticas sem a intensão de serem aceitos pela cultura dominante, mas para evidenciarem suas diferenças. São as peças de vestuário “icônicas” desses grupos que dão sentido às suas vivências, através da experimentação de estilos de vestuário de subculturas anteriores, e, junto à música produzida por seus integrantes, são popularizados pela mídia e apropriados pela moda, com fim comercial (CRANE,

2006). No caso do *grunge*, Kurt Cobain se transformou em ícone *fashion* de maneira inconsciente e a contragosto, prezava pelo conforto e detestava grifes. Segundo o jornalista Charles R. Cross, “um dos principais motivos pelos quais ele se transformou em ícone foi porque raramente mudava suas roupas.” (2014, p.75) Seu visual desleixado se devia tanto a sua despreocupação em relação a moda quanto a sua atitude de rebeldia, um exemplo disso é que, ao perceber que sua maneira de vestir havia se tornado moda de massa, Cobain passou a ironizar o fato, agregando elementos femininos, também como uma provocação ao sexismo (MENDONÇA, 2014).

Figura 10 – Kurt Cobain usando vestido em uma apresentação em 1990.



Fonte: Site AnotherMag (2016).

Com a disseminação do visual *grunge* no *mainstream*, é possível observar que a moda masculina se tornou ainda mais casual, popularizando bermudas, jeans rasgadas, calças largas e sobreposições entre blusas de manga longa e curta. De acordo com Mendonça (2014), o impacto cultural do *grunge* proporcionou, para os homens, a possibilidade se vestir de maneira mais informal, com de calças mais largas, tênis *All Star* e peças de tamanhos maiores. Considerado um estilo unissex,

algumas garotas *grunges* também adotaram esse visual desalinhado, utilizando peças largas e/ou rasgadas, sobreposições e muito xadrez.

3. RIOT GRRRLS, FEMINISMO E O ESTILO KINDERWHORE

De maneira geral, a mulher tinha grande participação na subcultura *grunge*, não sendo vista apenas como objeto sexual e sendo tratada com igualdade, fato que se deve, principalmente, à proximidade do grupo com outro movimento *underground* que surgiu quase simultaneamente em Olympia, capital do estado de Washington, as *Riot Grrrls*. Integrantes da terceira onda feminista², as *Riot Grrrls* buscavam subverter o domínio masculino no *punk rock* e formar sua própria cena, produzindo músicas, artes, literatura, audiovisual e outras expressões (RIBEIRO; COSTA; SANTIAGO, 2012). Através da publicação de *zines* e da organização de eventos para bandas *punk* femininas, as *Riot Grrrls* estabeleceram um espaço no qual era possível para as garotas discutirem identidade sexual, abusos que sofriam, empoderamento feminino e combate aos papéis de gênero no *punk*. Adeptas do “*do it yourself*” (faça você mesmo) como forma de empoderamento, elas transpunham o caráter contestatório do movimento em suas artes, letras de música, *zines* e também na estética corporal, uma vez que era comum que se apresentassem em seus shows com o corpo rabiscado com palavras agressivas, como “*rape*” (estupro) e “*slut*” (vadia), transformando seus corpos em tela para protestos contra a violência sexual e o tratamento recebido pelas garotas *punk* (RIBEIRO; COSTA; SANTIAGO, 2012). Entre as principais bandas do movimento estavam Bikini Kill, Bratmobile, L7, Sleater-Kinney, Heavens to Betsy, Huggy Bear e Jack of Jill.

² As ondas feministas referem-se aos movimentos de luta pelos direitos das mulheres, que se desenvolveram em diferentes períodos históricos. A primeira onda feminista (século XIX e início do século XX) focou principalmente na conquista de direitos civis, como o direito ao voto e à educação. Já segunda onda (décadas de 1960 a 1980) expandiu as questões abordadas pela primeira onda, incluindo a luta por direitos reprodutivos, igualdade no mercado de trabalho, e contra a discriminação sexual e de gênero. A terceira onda, que teve início na década de 1990, se caracteriza pela ênfase na diversidade e na interseccionalidade, ou seja, considera como fatores como classe social, raça e orientação sexual impactam a experiência das mulheres. Além disso, a terceira onda buscou reverter estereótipos de gênero e incluir vozes femininas que antes eram marginalizadas, promovendo uma abordagem mais plural e global do feminismo.

Figura 11 – Imagem de zine de movimento Riot Grrrl.³



Fonte: Site Moda de Subculturas (2016).

A proximidade entre Seattle e Olympia permitiu que as *Riot Grrrls* se aproximassem da cena *grunge*, principalmente do Nirvana, que eram amigos das integrantes da principal banda do grupo feminista, a Bikini Kill. Kurt Cobain chegou, inclusive, a manter um namoro com a baterista Tobi Vail e, através da convivência com as meninas, foi inspirado a escrever algumas músicas, “*Smells Like Teen Spirit*”, canção que levou a banda ao sucesso *mainstream*, que foi referência a uma pixação que a vocalista Kathleen Hanna fez no quarto do músico. A partir desse contato, as *Riot Grrrls* impactaram os *grunges* ideologicamente, introduzindo o feminismo, e também na estética, conforme observado por Scheffel (2016), com artistas como Cobain, Dave Grohl, Layne Stanley e Eddie Vedder incorporando em seu vestuário peças consideradas femininas, como vestidos, saias, sutiãs, usando maquiagem e pintando as unhas de vermelho. A atitude era uma forma de protesto e provocação aos papéis de gênero impostos pela sociedade e preconceitos sexistas.

³ “Lute de volta - Mulheres não desejam ser estupradas. Ninguém pede para ser estuprada! Mulheres devem ser capazes de andar nas ruas sem serem assediadas! Mulheres desejam respeito! E nós vamos conseguir!” (SCHEFFEL, 2016).

Figura 12 e Figura 13 – Na figura, a banda Bikini Kill (1990) e na figura seguinte, Kathleen Hanna com a palavra “*slut*” (vadia) escrita em seu corpo (1992).



Fonte: Site Spotify (2023).



Fonte: Site Moda de Subculturas (2016).

Em relação ao vestuário das *Riot Grrrls*, Scheffel (2016) afirma que foi “o primeiro grupo feminino da história do *street style*”, porém o visual das bandas era bem diversificado, uma vez que o foco não era a estética e sim, a música e o feminismo. As bandas de Olympia buscavam subverter estereótipos do feminino misturando elementos do visual retrô dos anos 1960 com peças que faziam parte das tendências de moda no período, como baby looks, saias evasê e calçados *All Stars* (SCHEFFEL, 2016). Na composição do visual *riot* também estavam peças de segunda mão, minissaias, vestidos curtíssimos, além de tatuagens, piercings, cabelos coloridos e com franja. É importante observar que o visual das *riot* era bastante diversificado, variando bastante de acordo com a banda, sendo o elemento de unidade a subversão da beleza feminina convencional. Com o intuito de rebelião contra as normas de gênero e a objetificação sexual feminina, várias garotas deixavam de se depilar e usavam lingerie ou peças curtíssimas no palco, como forma de afirmar que nenhum homem tinha o direito de invadir aquele corpo e se posicionar contra as pressões da indústria sobre a forma como deveria ser sua aparência, expressão de sexualidade e comportamento (SCHEFFEL, 2016).

Figura 14 – Apresentação da banda Bikini Kill (1992).



Fonte: Portal Texas Story.

Em contrapartida ao unissex tradicional do *grunge* e ao visual das *Riot Grrrls*, havia um grupo de bandas femininas associadas ao movimento *grunge* que exploravam a feminilidade através do estilo *kinderwhore*. A estética, nomeada da combinação das palavras “*kinder*” (criança) e “*whore*” (prostituta), misturava conceitos de feminilidade adulta, considerada até vulgar, com infantil, como uma alusão ao conceito de “*lolita*” (MENDONÇA, 2013). Courtney Love, da Hole, e Kat Bjelland, da Babes in Toyland, são consideradas as precursoras do estilo, melhores amigas e rivais, as artistas disputavam publicamente a origem do *kinderwhore*, que ainda permanece um mistério. O estilo foi considerado subversivo porque sua composição, que combinava sensualidade agressiva com inocência infantil, causava estranheza. Mendonça (2013) descreve a estética:

O estilo consistia de cabelo loiro platinado, com franja e ondulado, meio despenteado, adornado por presilhas infantis e fofas e até mesmo coroinhas. Pele pálida, bochechas rosadas, batom vermelho vibrante e olhos pintados de preto. No corpo, vestidos de segunda mão comprados em brechós e bazares, ao estilo anos 1960 com gola Peter Pan e rendinhas; vestidos ao estilo lingerie, baratinhos, comprados em lojas de departamento e vestidos com babadinhos românticos. Meias calças pretas (dão o toque agressivo) ou brancas e rendadas (dão o toque infantilizado), meias arrastão e meias 5/8 pretas. Nos pés, coturnos ou sapatos de boneca. (MENDONÇA, 2013.)

Figura 15 e Figura 16 – Na figura, Courtney Love (1994) e na figura seguinte, Kat Bjelland no Lollapalooza 1993.



Fonte: Site Vanity Fair.



Fonte: Site Vogue (2023)

A origem do *kinderwhore* é controversa não apenas pela disputa entre Love e Bjelland, mas também porque elementos do visual podem ser observados em artistas anteriores, como Christina Amphlett, da banda Divinyls, em quem Love admite ter se inspirado, e do mesmo período, como Kim Gordon, da Sonic Youth, e Kathleen Hanna, da Bikini Kill. Porém, como aponta Mendonça (2013), apesar de utilizarem elementos estéticos do *kinderwhore*, como vestidos com gola Peter Pan, sapatos de boneca e meias 5/8 pretas, não utilizavam vários adereços (acessórios, maquiagem, cabelo) e não possuíam a atitude que compunham o conjunto de elementos associados a cena musical composta por Love e Bjelland, que deu origem ao termo *kinderwhore*. Outra figura associada com frequência como referência para o estilo é a *bad girl punk* Nancy Spungen, namorada de Sid Vicious, baixista do Sex Pistols. O visual de Nancy trazia vários elementos que eram característicos do *punk*, como jaquetas de couro, blusas de tela, meias arrastão, combinados com estampas de oncinha, meias calças rasgadas, saias e vestidos curtos (SCHEFFEL, 2018). Seu cabelo, pintado de loiro platinado com as raízes escuras aparente e maquiagem carregada, com batom vermelho, blush rosa muito marcado e olhos delineados de preto, serviram nitidamente como influência para a composição do *kinderwhore*. Segundo o criador

da revista Punk, Legs McNeil, Nancy era uma garota *punk* que fugia do padrão por não ser considerada tão magra e não ter vergonha de reconhecer que trabalhava como stripper e prostituta (SCHEFFEL, 2018).

Figura 17 – Sid Vicious e Nancy Spungen (1978).



Fonte: Watal Asanuma/Shinko Music/Getty Images.

Ainda que Nancy não tenha sido citada pelas *kinderwhore* como inspiração, as similaridades vão além da maneira provocativa de se vestir. Scheffel (2018) descreve Nancy Spungen como a “verdadeira personificação da *bad girl*, do *live fast die young*, do *love kills*”, conhecida por seu temperamento difícil e problemas com drogas, ela se tornou uma figura emblemática na cena *punk* ao se envolver em um relacionamento polêmico com Sid Vicious, com comportamentos abusivos de ambas as partes e consumo intenso de drogas. Foi uma história de amor trágica, extremamente explorada pela mídia internacional, que culminou na morte de ambos. A cobertura da mídia em relação a ao assassinato de Nancy foi marcada por um sensacionalismo implacável, que frequentemente a retratava como uma jovem problemática e marginalizada. No entanto, o tratamento recebido por Sid pela imprensa foi muito diferente. Embora a morte de Nancy fosse considerada um assassinato, Sid foi amplamente retratado como uma vítima das circunstâncias, um jovem *punk* incapaz de ser responsável por suas ações devido ao seu estado mental e físico, resultante da constante dependência de drogas. Essa narrativa ajudou a criar uma imagem de Sid como inocente, especialmente com a sua morte prematura, devido à overdose,

antes que ele pudesse ser julgado formalmente pelo assassinato de Nancy. Além disso, o relacionamento do casal foi muito romantizado por alguns veículos, ao focar na intensidade e no caos do relacionamento, marcado por abuso de drogas e uma violência crescente, sendo muitas vezes interpretada de maneira idealizada, com ênfase na paixão exacerbada e no caráter rebelde do casal.

A atitude provocativa de Nancy Spungen se assemelhava bastante com a das *kinderwhore*, sensual e agressiva, sua vida possui vários elementos abordados nas letras das artistas da cena, como situações de abuso e problemas com drogas. A reputação era controversa de Nancy era muito similar à de Courtney Love, sendo possível, inclusive, traçar um paralelo entre o relacionamento de Nancy e Sid com o de Love e Kurt Cobain, casal ícone do *grunge*, ambos atraíram uma atenção exagerada da mídia, sendo retratados, de maneira sensacionalista, como relacionamentos disfuncionais, abusivos e trágicos. Em ambos os casos, as mulheres sempre aparecem como parceiras agressivas e problemáticas, enquanto os homens são apresentados como figuras inocentes e vulneráveis. Nancy, vítima de um assassinato, é continuamente retratada como uma viciada, a verdadeira culpada pelo desenrolar trágico de seu relacionamento, enquanto Courtney é considerada por muitos como a responsável pela morte de Cobain. Love até mesmo participou de uma audição para interpretar Nancy no filme *Sid e Nancy* (1986), dirigido por Alex Cox. Apesar de não conseguir o papel principal, ela participou do longa interpretando uma amiga de Nancy, também viciada em drogas.

Figura 18 e Figura 19 – Na figura, Courtney Love se apresentando no festival Readings, em 1994 e, na figura seguinte, Nancy Spungen.



Fonte: Site Vogue Spain (2021). Fonte: Moda de Subculturas (2018).

As *Riot Grrrls* tinham uma abordagem teórica e política estruturada, buscando questionar e transformar normas de gênero e as estruturas patriarcais através da combinação da arte com ações políticas. Enquanto as garotas *grunge* adeptas do estilo *kinderwhore* eram envolvidas com questões feministas, mas traziam uma abordagem mais pessoal em suas músicas, relacionada às suas experiências e sentimentos, questionando o papel da mulher na sociedade, sem estarem necessariamente engajadas em um movimento político. Abordavam suas experiências através de berros, guitarras pesadas e não se importavam que seu visual acabasse destruído em suas apresentações, sendo comum encontrar imagens das garotas com maquiagens borradas e visual destrozado. Logo, é possível observar que por mais que fosse um estilo que evidenciasse a sensualidade das artistas, não era o foco principal da performance, e sim, uma subversão da representação do ideal de feminilidade e estereótipo de “boa garota”, unindo agressividade e delicadeza com o intuito de causar desconforto no público. Apesar de compartilhar noções feministas, as *kinderwhore* não mantinham uma relação próxima e havia até mesmo uma rivalidade com as *Riot Grrrls*, na música “*Rock Star*”, do álbum “*Live Thought This*” (1993), Courtney critica a revolução proposta pelas garotas da cena de Olympia,

apontando que para ela “todas eram iguais, se vestiam iguais, falavam igual”. No festival Lollapalooza de 1995, a rixa entre os grupos se tornou mais evidente nos bastidores do show da banda Sonic Youth, quando Courtney Love e Kathleen Hanna se desentenderam, o motivo seria que Hanna tivesse feito comentários negativos sobre a filha de Courtney e Kurt, Frances. Porém, também existe o rumor de que Love iniciou uma discussão sem razão aparente.

Ainda que existisse um atrito entre as *Riot grrrls* e as bandas *grunge kinderwhore*, ambos os grupos possuíam uma atitude que desafiava a noção social de feminilidade quieta e passiva através das canções que compunham e do seu estilo visual. A escolha do berro como estilo vocal e atitude impetuosa nos palcos, além de evidenciar as raízes *punk* dos grupos, também era uma forma de se rebelar contra uma cultura que socializou as meninas para duvidarem do poder de suas vozes e que, historicamente, contribuiu para que muitas mulheres em situação de abuso fossem silenciadas (EILERAAS, 1997). Através dos berros, as bandas femininas encontram sua voz, se posicionam politicamente e rompem com os fundamentos hegemônicos de feminilidade. O visual, composto pelo vestuário e pelas artes produzidas para os *zines*, capas de álbuns e vídeos, exploravam as noções de inocência, delicadeza e infância combinadas com imagens devastadoras, violentas, que muitas vezes faziam alusão a estupro e abuso sexual. É por meio dessa combinação de delicadeza e violência, beleza e feiura, que essas garotas encontravam sua voz, expressavam seus desejos e denunciavam as consequências violentas e alienantes que a performance de beleza e feminilidade tradicional acarretavam sobre seus corpos (EILERAAS, 1997).

Como apontado anteriormente, várias artistas estavam inseridas na cena *grunge*, que, inclusive, compartilhava crenças ideológicas com o movimento *punk* feminista das *Riot Grrrls*. No *grunge*, as mulheres eram representadas como iguais, o que pode ser comprovado pela ausência de imagens de mulheres sexualizadas nas capas de álbuns e videoclipes das bandas associadas ao movimento e por ser composta por artistas que se solidarizavam publicamente com causas feministas. Um exemplo é Eddie Vedder, vocalista do Pearl Jam, que, durante o especial *MTV Unplugged* da banda, em 1992, escreveu “*Pro-choice*” em seu braço, se manifestando a favor de liberdade de escolha sobre o aborto. Porém, de acordo com Catherine

Strong (2011), apesar das evidências de ter sido um movimento pró-feminista e que contava com um número considerável de artistas femininas associadas, o *grunge* é lembrado hoje como um subgênero predominantemente masculino. Ao longo do artigo, Strong (2011) reflete sobre a relação entre a tendência das mulheres a desaparecer da cultura popular ao longo dos anos, com o fato dos postos de poder na indústria musical, incluindo na imprensa especializada em música, são sempre ocupados por homens. Strong evoca a pesquisa de Helen Davies (2001), que afirma que a imprensa musical, por ser dominada por homens, tende a reduzir as tentativas das artistas femininas de serem reconhecidas como “sérias” no gênero, como se produzissem mais do mesmo, comparando-as com demais artistas mulheres ou enfocando em seus atributos físicos. Davies (2001) argumenta que, quando uma artista começa a ganhar credibilidade e destaque dentro do rock, ela é quase sempre apresentada pela imprensa como algo “novo”, uma “descoberta”. Dessa maneira, se estabelece uma estrutura que permite que as mulheres sejam esquecidas dentro do gênero, sendo sempre consideradas novidades, exceções.

Com o intuito de comprovar as afirmações de Davies, Strong (2011) realizou uma pesquisa entre fãs do gênero *grunge* na Austrália. De acordo com os entrevistados, em sua grande maioria homens, o *grunge* era um território predominantemente masculino, tendo poucas lembranças da participação feminina. Em dado momento, um respondente, quando questionado sobre as bandas femininas, cita Courtney Love, a caracterizando como uma mulher vulgar e uma artista que não pode ser levada a sério. Strong (2011) conclui a pesquisa ressaltando que, entre a percepção popular e o que foi reproduzido pela imprensa, a ideologia fortemente atrelada ao feminismo presente no *grunge* pode nunca ter impactado o grande público. Entre as artistas mulheres do *grunge*, Love é a mais lembrada, e a banda Hole chega até a aparecer em alguns rankings de melhores do gênero. Porém, a imagem de Love que permanece no imaginário popular muitas vezes se afasta de sua obra enquanto artista, sendo vinculada a noções negativas relacionadas a sua aparência e personalidade.

3. E ELA NEM É BONITA

A explosão do *grunge* na cultura *mainstream* no início da década de 1990, fez com que Kurt Cobain se tornasse rapidamente no maior astro do rock do momento e, como explica Courtney Love, em entrevista para a *Vanity Fair* (1992), as pessoas esperavam que ele se casasse com uma supermodelo. No entanto, no auge da fama do Nirvana, Cobain iniciou um relacionamento com Love, que tinha um passado escandaloso como stripper e era vocalista da banda Hole, pouco conhecida até então, mas aclamada na cena *pós-punk*. Mesmo antes de se tornar famosa por sua música, Courtney já era uma figura polêmica, acumulando rixas e desentendimentos com outros artistas e produtores musicais. O casamento com Cobain, apesar de tê-la tornado mais conhecida, atraiu uma atenção negativa intensa da mídia, que a posicionava sempre como uma mulher não atraente, porém sedutora e manipuladora. A entrevista concedida a Lynn Hirschberg para a *Vanity Fair*, em 1992, bastante famosa por ter insinuado que o casal utilizava drogas durante a gravidez da artista, ocasionando a perda da guarda do bebê, reforça essa representação de Courtney, a apresentando como uma mulher inteligente, extremamente vaidosa e obcecada por fama. Em contraste, Cobain é retratado como um homem quieto, sensível e vulnerável a manipulação incisiva e a sexualidade da esposa. Ao contar a história do relacionamento do casal, sempre existe uma sugestão de que não existe amor, ou um vínculo verdadeiro entre ambos, não se considera a possibilidade de que Kurt realmente poderia gostar e admirar Courtney.

Figura 20 – Courtney Love e Kurt Cobain com a filha do casal, Frances Bean, no MTV Video Music Awards 1993.



Fonte: Site Monet (2022).

Se a personalidade de Love atraía o escrutínio da mídia internacional, o fato de sua aparência física estar muito longe da beleza escultural das glamourosas supermodelos contribuía para a sua recepção negativa. O fanzine “*And She’s Not Even Pretty*”, lançado por Courtney em 1991, fazia alusão a principal frase repetida por seus críticos, que faziam questão de salientar que ela “nem era bonita”. Além disso, a questão da beleza é frequente no trabalho da artista, já evidente no título do primeiro álbum da Hole, “*Pretty On The Inside*”, que faz referência a expressão “bonita por dentro”, utilizada com frequência como forma de reconfortar garotas que não possuem atributos físicos considerados atrativos para a sociedade tradicional (EILERAAS, 1997). Courtney era ciente de que não era considerada convencionalmente atraente, foi uma adolescente gordinha e com problemas de pele. Sua música e performance tinham o propósito de destacar o efeito devastador que a constante pressão para se encaixar nos padrões tradicionais de beleza e comportamento feminino tem sobre sua vivência enquanto mulher.

Além disso, o visual a artista transmitia uma agressividade intencional, construída através da justaposição de elementos tipicamente femininos e de conotações agressivas, como a sexualidade crua, o abuso e o caos. O visual *kinderwhore* de Courtney Love, segundo Meghan Chandler (2011), evoca ingenuidade infantil e sensualidade exibicionista, com o intuito de investigar e problematizar fantasias fetichistas relacionadas a inocência infantil. Para Eileraas (1997), a artista constrói estrategicamente, através do estilo *kiderwhore*, uma imagem que sugere violência sexual, associando vulnerabilidade e sensualidade. Por meio de vestidos com gola Peter Pan muito curtos, meias-calças rasgadas, tiaras, sapatos de boneca e maquiagem borrada combinados com as composições que exploravam sexualidade feminina e situações de abuso, o estilo insinuava atividade sexual agressiva e violação da inocência (EILERAAS, 1997). Nos videocliques e performances ao vivo, essa justaposição de elementos se torna mais evidente, como, por exemplo, no clipe da música “*Violet*”, que possui cenas de meninas e bailarinas dançando, sobrepostas por cenas de strippers se apresentando em um cenário estilizado como na década de 1920, enquanto ela grita agressivamente “*go on, take everything*” (vá em frente, leve tudo) de seu corpo. Durante o vídeo, podemos ver também Courtney surfando em uma multidão violenta e seu vestido branco de bailarina sendo rasgado, uma clara alusão a um estupro.

Figura 21 – Cenas do videoclipe da música “Violet” (1994).



Fonte: Vídeo da música “Violet” (1994).

Nos palcos, o comportamento de Courtney também era provocador e agressivo, com frequência ela aparecia com as roupas desalinhadas ou rasgadas, destruía sua guitarra, surfava na multidão e se desentendia com integrantes da audiência. O festival Lollapalooza de 1995, foi cenário de várias polêmicas envolvendo a artista, incluindo a briga com Kathleen Hanna e um momento escandaloso, quando foi retirada de seu próprio show pelos seguranças do evento por ter pulado do palco duas vezes para brigar com pessoas na audiência. Grande parte dos desentendimentos de Courtney com a plateia se dava pela forma violenta que a audiência dos shows de rock, predominante masculina, reagia a sua performance afrontosa. A música “*Asking For It*”, lançada em 1995, evoca um momento em uma apresentação, em 1991, no qual a artista “surfou” na audiência e teve suas roupas removidas e seu corpo manuseado de maneira sexualmente violenta, e, comparando a experiência a um estupro, ela questiona se “estava pedindo por isso?”. Ao escrever sobre a situação, Courtney destaca também a diferença de tratamento que músicos homens e mulheres recebem, enquanto uma mulher que se comporta de maneira agressiva provoca ódio e violação, um homem de atitude similar conquista admiração (EILERAAS, 1997).

A partir dos argumentos apresentados, é possível perceber que a recepção negativa de Courtney Love pela mídia foi, em grande parte, resultado de sua aparência e comportamento, que fugiam completamente dos padrões convencionais de feminilidade. De acordo com a socióloga Angela McRobbie (1993), apesar do estereótipo de feminilidade passiva ter perdido força e de que as revistas femininas passaram a representar as mulheres de maneira mais realista e menos idealizada, a beleza continua sendo uma condição inerente para o sucesso feminino. Ainda assim, a condenação de Courtney pela grande audiência se dá não apenas por não se preocupar em performar beleza, mas por sua rejeição das normas tradicionais de gênero (STRONG, 2011). Conhecida por seu temperamento expansivo, provocativo e seu envolvimento com drogas, ela não representava o papel de esposa ou mãe ideal, mesmo que seu companheiro também não tivesse um comportamento exemplar. Enquanto os problemas relacionados a saúde mental e vício em drogas de Kurt Cobain sejam utilizados para retratá-lo como uma pessoa sensível e vulnerável, reforçando a mitologia construída em torno de sua figura, Love não recebe o mesmo tratamento, sendo considerada fora de controle e um problema para si mesma e todos ao seu redor (STRONG, 2016). O seu envolvimento com Kurt, ainda que tenha a tornado mais conhecida, foi bastante prejudicial para a carreira de Courtney, não apenas por ela ser criticada por ser uma péssima influência para ele, mas até sendo acusada de ser a responsável por sua morte. Além disso, ela sofreu constantes acusações de que roubava composições de Cobain, como no caso do mais bem sucedido e aclamado álbum da Hole, *Live Through This* (1994).

O comportamento de Love é equivalente ao apresentado por diversos astros do rock, como, por exemplo, Steven Tyler e Keith Richards. São frequentes histórias de *rockstars* masculinos destruindo quartos de hotel, camarins, experimentando drogas e tendo uma vida sexual movimentada, sendo até mesmo a conduta esperada. No entanto, no caso de Courtney, a mesma atitude *rock and roll* a transforma na representação do exemplo de como uma mulher não deve se comportar (STRONG, 2016). Em entrevista para a Vanity Fair (2017), Love fala sobre a possibilidade de escrever uma autobiografia e expressa o receio de como a obra seria recebida, em comparação a artistas masculinos, ela cita Keith Richards, que escreveu um livro relatando suas aventuras enquanto estrela do rock, detalhando o abuso de álcool e drogas. Courtney destaca que ser mãe e ter usado drogas a coloca em uma posição

totalmente diferente de ser pai e levar o mesmo estilo de vida, ela não conseguiria escapar da atenção recebida por esse aspecto negativo de sua vida, ao contrário de Richards, que participou de programas matutinos para a divulgação de seu livro.

Ainda que a rejeição de Courtney Love pela grande audiência se dava por sua conduta e aparência que desafiavam as noções tradicionais de feminilidade, no final da década de 1990, a artista começou a incorporar elementos de um estilo mais sóbrio, que também recebeu críticas. Durante esse período, Courtney começou a se dedicar a carreira de atriz, sendo até mesmo indicada como Melhor Atriz Coadjuvante no Globo de Ouro pelo filme “O Povo Contra Larry Flynt” (1996), e passou a ter um estilo de vida hollywoodiano, emagreceu e fez cirurgias plásticas. Ainda que ela tenha continuado alvo dos tabloides por declarações controversas, abuso de drogas e até mesmo por sua forma de se vestir, Courtney continua incorporando elementos da beleza feminina tradicional até os dias de hoje (STRONG, 2016). A mudança no visual de Love foi, de acordo com Strong (2016), uma forma da artista tentar mostrar amadurecimento e se encaixar no que seria “apropriado para sua idade”, que, ao invés de refinar a reputação da artista, ocasionou mais críticas, dessa vez como uma forma de incentivá-la a voltar a “ser ela mesma” ou a acusando de tentar mascarar “quem realmente é”.

4. COURTNEY LOVE: UMA ESTÉTICA AGRESSIVAMENTE FEMININA

A composição visual de Courtney, desde sua fase *kinderwhore*, sempre apresentou elementos *vintage*. Seu interesse por moda *vintage* começou antes de sua carreira musical, aponta Sam Wolfson (2018), quando ela trabalhou no departamento de figurino da produtora Paramount e começou a colecionar peças antigas que eram descartadas. Durante esse período, Love também adquiriu o hábito de comprar roupas em brechós e bazares de caridade, uma vez que era o único lugar onde ela tinha condições de adquiri-las. Sua atitude em relação a moda era bastante *punk*, sem a preocupação de buscar o que estava acontecendo nas passarelas, mais interessada em compor um visual específico que a fizesse se sentir bem e que comunicasse sua rebeldia. Em seu emblemático casamento com Kurt Cobain, em 1992, Courtney, já grávida, vestiu um vestido branco de segunda mão que pertenceu a atriz Frances Farmer. Nas imagens da cerimônia o casal aparece como a personificação do estilo *grunge*, com Courtney de cabelos desgrenhados, batom vermelho e olhos pintados de preto, ao lado de Cobain, que vestia um pijama.

Figura 22 – Kurt Cobain e Courtney Love em seu casamento (1992).



Fonte: Site Consequence (2020).

Nos seus primeiros anos como artista e figura recorrente na mídia, Love se manteve fiel ao estilo *kinderwhore*, sendo responsável por popularizá-lo através de seus videoclipes e aparições na mídia. Nesse momento, ela sustentou um posicionamento contrário a moda, tendo, inclusive, criticado a *Coleção Grunge* de Marc Jacobs, lançada em 1992, por “matar” o *grunge*. A rejeição inicial demonstrada

por Love parece provir da compreensão de que a moda é, com frequência, muito elitista e que reforça a padrões de beleza e feminilidade nocivos, questões amplamente criticadas na música da Hole. Apesar disso, com o sucesso *mainstream* do álbum *Live Through This* (1994), o visual *kinderwhore* se tornou cada vez mais difundido, com Anna Sui incorporando os vestidos *babydoll* e as tiaras na sua Coleção Primavera/Verão de 1994, em uma versão glamourizada do estilo.

Figura 23 e Figura 24 – Na figura, Courtney se apresentando no programa Saturday Night Live (1994) e na figura seguinte, a cantora na festa pós-Oscar da revista Vanity Fair, em 1995.



Fonte: Site Vogue Spain (2021).

Figura 25 – As supermodelos Christy Turlington, Naomi Campbell e Linda Evangelista vestindo modelos inspirados no visual *kinderwhore* no desfile da coleção Primavera/Verão 1994 da Anna Sui.



Fonte: Site Vogue.

Ao se dedicar à carreira de atriz, na segunda metade dos anos 1990, Courtney começou a se integrar em Hollywood, recebendo a aclamação de críticos cinematográficos, e exibir um estilo mais ligado às tendências do período e a grifes. Nesse contexto, ela começou a participar de eventos e premiações cinematográficas e frequentar desfiles de moda, desfrutando de amizades com estilistas consagrados como John Galliano, que a presenteou com sua primeira peça de alta costura, Gianni Versace, Anna Sui e até mesmo Marc Jacobs. Em 1998, Courtney foi estrela da campanha Primavera/Verão da Versace, fotografada por Richard Avedon. A partir desse contato com criadores, Courtney desenvolveu o gosto por colecionar peças de grife, ainda preservando seu gosto por moda *vintage*, coletando peças Chloé dos anos 1970, vestidos de Cristobal Balenciaga e até mesmo peças dos períodos Vitoriano e Eduardiano (STRUGAZ, 2010). Apesar dessa nova fase mostrar uma Courtney com mais discernimento das tendências de moda, a artista ainda manteve elementos

inerentes do seu estilo rebelde, combinando peças de grife com artigos de segunda mão, o cabelo desalinhado e a maquiagem pesada, muitas vezes borrada propositalmente.

Figura 26 e Figura 27 – Na figura, Courtney Love para Versace Primavera/Verão 1998 e, na imagem seguinte, a artista no tapete vermelho do Oscar 1997 vestindo Versace.



Fonte: Site FuckYeahCourtneyLove (2015).



Fonte: Site Vogue (2020).

Os anos 2000 foram uma década de resiliência e reinvenção para Courtney, precisou lidar com o fim da Hole, continuou a lutar contra seus vícios, com o assédio da imprensa, e tentou alavancar uma carreira solo com uma sonoridade que se afastava de suas raízes *punk rock*, mais voltada para o *folk*. Por meio da internet, ao lançar o extinto site “*What Courtney Wore Today*” (O que Courtney Vestiu Hoje), em 2010, a artista procurou tomar o controle de sua imagem, com postagens que exploravam esse momento mais maduro de sua vida, em que ela incorpora um estilo mais convencionalmente bonito, elegante e, acima de tudo, apropriado para a sua idade (STRONG, 2016). Como apontado anteriormente, as tentativas de Love de exibir um visual mais refinado foram recebidas de maneira bastante crítica por fãs da cantora, que admiravam sua resistência as normas tradicionais de feminilidade, e acusatória, por parte dos críticos, que consideram essa nova fase da artista como

falsa e uma tentativa de tentar limpar sua imagem. Essas respostas, segundo Strong (2016), ainda que pareçam encorajar a autenticidade de Courtney e sua atitude rebelde, reforçam a ideia de que ela deve continuar sendo uma mulher incontrolável e problemática. Sem considerar que o amadurecimento de seu estilo pessoal possa refletir uma evolução também em aspectos de sua vida pessoal, como, por exemplo, sua superação de vícios. Além disso, mesmo ostentando um visual mais sofisticado, Courtney continuou fiel à sua atitude *punk rock*, mas com toques de refinamento. Incluída no cenário da alta moda, ela se tornou figura frequente nos eventos de moda e até mesmo colaborando com estilistas, tendo inclusive lançado uma coleção inspirada no estilo *kinderwhore* em colaboração com a marca Nasty Gal em 2016.

Figura 28 e Figura 29 – Na figura, Courtney vestindo Dior por John Galliano no Globo de Ouro 2000 e na imagem seguinte, a cantora no backstage de uma apresentação no Bowery Ballroom (2004).



Fonte: Site The Guardian (2019).



Fonte: Site The Cut (2016).

Figura 30 - Coleção Nasty Gal X Courtney Love.



Fonte: Site Vogue (2016).

Apesar de não ser o primeiro nome citado quando o assunto é moda *grunge*, sua influência enquanto ícone *fashion* é indiscutível. O estilista Hedi Slimane, aclamado por revolucionar a moda masculina à frente da Dior Homme e por renovar a Yves Saint Laurent durante seu tempo como diretor criativo, reconheceu Courtney Love como uma musa em diversos momentos de sua carreira. Em 2008, Slimane lançou o livro *“Portrait Of A Performer: Courtney Love”*, composto por imagens de um ensaio que fez da artista. Love seria novamente fotografada pelo estilista em 2013, quando estrelou a campanha Outono/Inverno da Yves Saint-Laurent.

Figura 31 e Figura 32 – Na figura, Love no livro “*Portrait Of A Performer: Courtney Love*” e na imagem seguinte, a artista na campanha Outono/Inverno 2013 da Yves Saint Laurent.



Fonte: Site Cult Jones.



Fonte: Site Fashion Network (2013).

Durante sua passagem pela marca, Slimane incluiu vários elementos do estilo *grunge* em suas coleções. A coleção Outono/Inverno de 2013, apresentou quase uma recriação literal do visual *grunge*, com forte influência do estilo *kinderwhore*, com modelos de cabelos desgrehados e maquiagem preta vestindo vestidos com gola Peter Pan, vestidos florais e rendados, meias arrastão, botas pesadas e muito xadrez.

Figura 33 – Imagens do desfile da coleção Outono/Inverno 2013 da Yves Saint Laurent por Hedi Slimane.



Fonte: Site WWD (2013).

A coleção Primavera/Verão de 2016 também contou com referências fortes ao visual de Courtney Love, com as modelos, inclusive, usando tiaras, acessório muito associado a imagem da cantora em sua fase *kinderwhore* com o intuito de ironizar os concursos de beleza. Dessa vez, Slimane apresentou muitos vestidos de seda, muito utilizados pela cantora no início da década de 1990, transparências e casacos pesados.

Figura 34 – Imagens do destilo da coleção Primavera/Verão 2016 da Yves Saint-Laurent por Hedi Slimane.



Fonte: Site Haper's Bazaar (2016).

Outro estilista que considera Courtney Love sua musa, é Edward Meadham, que na coleção Primavera/Verão 2012 de sua grife, a Meadham Kirchhoff, abriu o desfile com várias modelos vestidas exatamente como Courtney, em tons pastéis, dançando e se maquiando, uma clara alusão ao videoclipe de “*Miss World*”. Em outro momento da apresentação, meninas com roupa de balé e tiaras dançavam pela passarela, incorporando a inocência e vulnerabilidade presentes no estilo *kinderwhore*.

Figura 35 – Cena do videoclipe de “Miss World” (1994).



Fonte: Videoclipe da música “Miss World” (1994).

Figura 36 – Abertura do desfile Primavera/Verão 2012 da Meadham Kirchhoff.



Fonte: Site Telegraph (2011).

Dessa maneira, com seus vestidos *babydoll*, cabelos bagunçados, maquiagem borrada e guitarra nas mãos, Courtney Love conseguiu difundir uma estética incomparável, que unia a delicadeza e inocência juvenil a uma sexualidade crua, violenta. Ainda que controversa e muitas vezes mal interpretada, ela se tornou ilustre por sua autenticidade e atitude rebelde, e influenciou criadores de moda a celebrar a individualidade e, de certa forma, romper com as expectativas tradicionais do que é ser uma boa garota. Ela é brutalmente honesta, charmosa, contraditória, nem sempre agradável, mas pode se dizer que é fiel a si mesma. Para estilista Edward Meadham, o fascínio que Courtney exerce está justamente em todas as suas contradições:

Ela é muito feia para ser bonita, muito bonita para ser feia, muito indisciplinada para ser intelectual e muito barulhenta para ser ouvida. Mas é a soma de todas essas coisas, todos os seus erros estúpidos, sua vulgaridade sedenta por fama, toda sua inteligência, graça e charme, sua honestidade pura e sem filtros, seu gosto, estilo e coragem impecáveis que a tornam tão única. Principalmente, uma artista e poetisa, lyricamente e visualmente ela evocou todo um universo, combinando sentimentos de desejo e alienação com temas de vaidade sangrenta, luxúria e maternidade. Ela criou um som e uma estética única e agressivamente feminina. (MEADHAM, 2019, tradução nossa)⁴

⁴She's too ugly to be pretty, too pretty to be ugly, too undisciplined to be intellectual and too loud to be listened to. But it is the sum of all of these things, all of her stupid mistakes, her fame-hungry vulgarity, all of her blistering intelligence, grace and charm, her pure unfiltered honesty, her impeccable taste, style and courage that makes her so unique. Primarily, she is an artist and a poet, lyrically and visually she has evoked an entire universe, combining feelings of desire and alienation with themes of bloody vanity, lust and motherhood. She created a sound and aesthetic that is uniquely and aggressively female. (MEADHAM, 2019)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Eileraas (1997), a banda Hole explora, através de sua música e videoclipes, o abismo entre a beleza feminina ideal e real, como ela é percebida e como é sentida do ponto de vista feminino. Através de sua arte, estilo e atitude, Courtney Love não apenas afrontou uma cultura que dita como deve ser a aparência das garotas e como elas devem se comportar, ela expôs seus desejos, mesmo que eles nem sempre fossem adequados, e denunciou as consequências perversas que a feminilidade tradicional pode acarretar. Como observamos ao longo da pesquisa, o visual *kinderwhore*, que dominou os primeiros anos de sua carreira, foi uma das ferramentas que Love utilizou para comunicar sua rebeldia e rejeição a desempenhar tradições de gênero, a se comportar como uma boa garota, ser uma mãe e esposa ideal. Sua rejeição por parte do grande público vem exatamente da rebeldia de seu visual e atitude, qualidade essencial para *rockstars* masculinos, mas condenada quando performada por uma mulher.

Ao longo dos anos, Courtney procurou investir seu talento como atriz, se introduziu no mundo da moda e passou a ostentar um estilo mais sóbrio, mantendo sua autenticidade e postura *punk*. Ainda assim, as críticas e comentários negativos continuaram a ser constantes, inclusive de fãs, que pedem “volta da verdadeira Courtney”. No entanto, apesar de toda a recepção negativa que sofreu durante toda sua carreira, Love conseguiu se estabelecer como ícone *fashion* do grunge. Ao unir agressividade e vulnerabilidade, inocência e sensualidade, ela projetou uma imagem única, controversa, mas autêntica e fiel a si mesma. Ainda que Courtney tenha se afastado do *kinderwhore* e assumido um visual mais maduro, ela manteve sua rebeldia *punk* e, como sempre, permanece alheia aos críticos.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, Maíra Zimmermann de. **A moda invade as ruas: consumo jovem nos anos 1960.** dObra[s] – revista da Associação Brasileira de Estudos de Pesquisas em Moda, v. 3, n. 7, p. 105-113, 7 fev. 2009.

CALLAHAN, Maureen. **Champagne supernovas: Kate Moss, Marc Jacobs, Alexander McQueen e os rebeldes dos anos 1990 que reinventaram a moda.** Rio de Janeiro. Editora Rocco, 2015.

CHANDLER, Meghan. **Grrrls and dolls: appropriated images of Girlhood in the works of Hans Bellmer and Riot Grrrl Bands.** Visual Culture & Gender Vol. 6, pp. 29-39. Hyphen-Press, 2011.

CRANE, Diana. **A Moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas.** São Paulo. Editora Senac São Paulo, 2006.

CROSS, Charles R.. **Kurt Cobain – A Construção do Mito.** Rio de Janeiro. HarperCollins Brasil, 2014

CODOGNO, Gustavo Maurício. PIRES, Dorotéia Baduy. **A estética visual da década de 1990: uma prospecção para a moda.** Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/7-Coloquio-de-Moda_2011/GT08/Comunicacao-Oral/CO_89491_A_estetica_visual_dos_anos_1990uma_prospeccao_para_a_moda.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

EILERAAS, Karina. **Witches, Bitches & Fluids: Girl Bands Performing Ugliness as Resistance.** TDR (1988-), Vol. 41, No. 3 (Autumn, 1997), pp. 122-139. The MIT Press, 1997.

FOGG, Marnie. **Tudo sobre moda.** Rio de Janeiro. Sextante, 2013.

HIRSCHBERG, Lynn. **Strange Love: The Story of Kurt Cobain and Courtney Love.** Nova Iorque. Vanity Fair, 1992. Disponível em: <https://www.vanityfair.com/hollywood/2016/03/love-story-of-kurt-cobain-courtney-love>. Acesso em: 10 out. 2023.

HOBBSAWM, Eric. **A Era dos Extremos – O Breve Século XX (1914-1991).** São Paulo. Companhia das Letras, 1995.

HOLZMEISTER, Silvana. **O estranho na moda: a imagem nos anos 1990**. São Paulo. Estação das Letras e Cores, 2010.

Hype! Direção: Doug Pray. Produção: Helvey-Pray Productions. Distribuição: Cinépix Film Properties (CFP), Lions Gate Films e Ciné 360. Estados Unidos, 1996.

LOVE, Courtney. **Courtney Love on the return of grunge and glamour**. Londres. Evening Standard Magazine, 2018. Disponível em: <https://www.standard.co.uk/lifestyle/esmagazine/courtney-love-on-the-return-of-grunge-and-glamour-a3764291.html>. Acesso em: 10 out. 2023.

MENDES, Valerie D.; DE LA HAYE, Amy. **A moda do século XX**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MENDONÇA, Sana. **Estilo: Kinderwhore**. Moda de subculturas, 2013. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2013/10/estilo-kinderwhore.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

MENDONÇA, Sana. **Grunge: a sujeira que fisgou a Moda**. Moda de subculturas, 2014. Disponível em: http://www.modadesubculturas.com.br/2014/04/grunge-sujeira-que-fisgou-moda_5.html

MENDONÇA, Sana. **O Grunge e a Moda Masculina**. Moda de subculturas, 2014. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2014/08/o-grunge-e-moda-masculina.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

MENDONÇA, Sana. **Estilo: Nancy Laura Spungen**. Moda de subculturas, 2018. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2018/02/estilo-nancy-laura-spungen.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

MCROBBIE, Angela; GARBER, Jenny. **“Girls and Subcultures.” The Subcultures Reader**. Londres. Ed. K. Gelder and S. Thornton, 1997.

MCROBBIE, Angela. **“Shut up and dance: Youth culture and changing modes of femininity.” Cultural Studies**. Londres. Routledge, 1993.

MEADHAM, Edward. **Edward Meadham: Why I’m So Obsessed with Courtney Love**. Londres. AnOthermag, 2019. Disponível em:

<https://www.anothermag.com/fashion-beauty/11655/edward-meadham-why-im-so-obsessed-with-courtney-love>. Acesso em: 20 out. 2023.

PALOMINO, Erika. **A moda**. 2. ed. São Paulo: Publifolha, 2003.

RIBEIRO, J. K. A.; COSTA, J. C.; SANTIAGO, I. M. F. L. **Um Jeito Diferente e “Novo” de Ser Feminista: Em Cena, o Riot Grrrl**. Revista Ártemis, [S. l.], v. 13, n. 1, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/artemis/article/view/14226>. Acesso em: 4 nov. 2023.

RICH, Katey. **Why Courtney Love Hasn't Written About Kurt Cobain in Her Memoir Yet**. Nova Iorque. Vanity Fair, 2017. Disponível em: < <https://www.vanityfair.com/style/2017/09/courtney-love-memoir> >

SCHEFFEL, Lauren. **A História do Movimento Riot Grrrl: punk e feminismo na década de 1990**. Moda de subculturas, 2016. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2016/05/-historia-do-movimento-riot-grrrl-punk-feminismo.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

SCHEFFEL, Lauren. **Estilo: Nancy Laura Spungen**. Moda de subculturas, 2018. Disponível em: <http://www.modadesubculturas.com.br/2018/02/estilo-nancy-laura-spungen.html>. Acesso em: 8 out. 2023.

SILVA, Elisabeth Murilho da. **Moda e rebeldia: as estratégias de diferenciação das culturas juvenis**. Colóquio de Moda, 2008. Disponível em: <https://coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202008/42651.pdf>. Acesso em: 8 out. 2023.

STRONG, Catherine. **“Grunge, Riot Grrrl and the Forgetting of Women in Popular Culture”**. *The Journal of Popular Culture*. Blackwell Publishing Inc, 2011.

STRONG, Catherine. **“I'd stage-dive, but I'm far too elderly': Courtney Love and media expectations of femininity and ageing”**. 'Rock On': Women, Ageing and Popular Music, pp.123-138. Ashgate, 2016.

STRUGATZ, Rachel. **“Courtney Love on Birkins and Sex”**. Women's Wear Daily, 2010. Disponível em: <https://wwd.com/feature/courtney-love-on-birkins-and-sex-3189035-1292541/>. Acesso em: 8 out. 2023.

VINIL, Kid. **Almanaque do Rock**. São Paulo. Ediouro. 2008.

WOLFSON, Sam. **“I talk to my clothes”: why Courtney Love is selling her best-known outfits.** Londres. The Guardian, 2018. Disponível em: <https://www.theguardian.com/fashion/2018/dec/07/i-talk-to-my-clothes-why-courtney-love-is-selling-her-best-known-outfits>. Acesso em: 8 out. 2023.